



LIBERÁ...

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Participação da ASSOC. em PROL do PENSAMENTO LIBERTÁRIO (APPL CP 053; CEP 40001-970; Salvador/BA) e do CENTRO de CULTURA SOCIAL (CCS/SP CP 2066; CEP 01060-970; São Paulo/SP).

ANARQUISMO: UMA QUESTÃO DE PALAVRAS – De onde vêm as palavras “Anarquismo” e “Libertário” –

A palavra *anarquia* é tão velha quanto o mundo. Deriva das antigas palavras gregas “an”, “arkhe”, e significa algo como ausência de autoridade ou de governo. Contudo, durante milênios, acreditou-se que o homem não poderia passar sem ambos e, a “anarquia” tem sido entendida de modo pejorativo, como sinônimo de desordem, caos ou desorganização.

Pierre-Joseph Proudhon, famoso por suas frases de efeito (como “a propriedade é um roubo”), se apropriou da palavra *anarquia*. Como se seu objetivo fosse impactar as pessoas o máximo possível, em 1840 criou o seguinte diálogo com o personagem “Filisteu”:

– “És um republicano?”

– “Republicano, sim; mas isso não significa nada. *Res publica* é o Estado. Os reis também são republicanos.”

– “Ah, bom! És um democrata?”

– “Não”

– “Como! És talvez um monarquista?”

– “Não”

– “Constitucionalista, então?”

– “Por Deus!”

– “Então, és um aristocrata?”

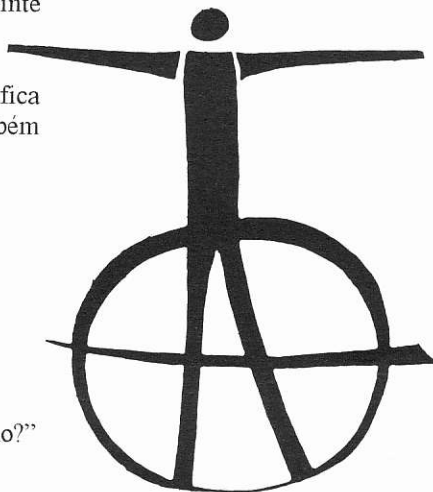
– “Em absoluto!”

– “Queres alguma forma mista de governo?”

– “Menos ainda!”

– “Então, o que és?”

– “Um anarquista.”



Às vezes, Proudhon fazia a concessão de escrever “an-arquia”, para dificultar as confusões criadas pelos adversários. Por esse termo, entendeu qualquer coisa menos desordem. Aparências à parte, ele era mais construtivo do que destrutivo, como veremos. Considerou os governos como responsáveis pela desordem e

acreditou que, apenas uma sociedade sem governo, poderia restaurar a ordem natural e voltar à harmonia. Argumentou que o idioma não poderia alojar outro termo e decidiu devolver à antiga palavra “anarquia” seu significado etimológico estrito. No calor de suas polêmicas, porém, obstinada e paradoxalmente, usou a palavra *anarquia* em seu sentido pejorativo de desordem, convertendo a confusão em perplexidade. Seu discípulo, Mikhail Bakunin, o acompanhou neste sentido.

Proudhon e Bakunin experimentaram um malicioso prazer de brincar com a confusão criada pelo uso dos significados opostos da palavra: para eles, *anarquia* era tanto a desordem mais colossal, a desorganização mais completa da sociedade e, mais além, uma gigantesca mudança revolucionária, a construção de uma nova, estável e racional ordem baseada na liberdade e na solidariedade.

Os seguidores imediatos dos “pais da *anarquia*” vacilaram em utilizar a palavra de maneira tão deploravelmente elástica, que produziria uma idéia negativa aos não iniciados e se prestava a ambigüidades. Proudhon, inclusive, chegou a ser mais cauteloso ao fim de sua breve trajetória e era feliz autodenominando-se “federalista”. Seus seguidores pequenos burgueses preferiram o termo “mutualismo” a

anarquismo e, a linha socialista, adotou “coletivismo”, que foi rapidamente substituído por “comunismo”.

No final do século XIX, na França, Sebastien Faure retomou uma palavra, criada em 1858 por Joseph Dejacque, para utilizá-la como título de um periódico: “O Libertário”. Atualmente, os termos “anarquista” e “libertário” chegam a ser intercambiáveis.

**“Não faço distinção entre revolução por miúdo
e revolução por grosso.”**

José do Vale, carbonário português

* Saudações Libertárias *

Muito foi escrito e ainda vai ser, na tentativa de definir o movimento punk. Neste artigo vamos tentar dar a nossa definição, mas de forma alguma queremos dizer que a nossa é a verdadeira e incontestável. Trata-se apenas de uma definição baseada em alguns anos de militância no movimento punk e de análises pessoais.

A princípio, deve ficar claro que o PUNK é um movimento *exclusivamente* contracultural de contestação e confrontação ao sistema, à sociedade excludente e aos valores capitalistas. Essa contracultura se baseia numa apresentação visual "desajustada", na nossa música, na nossa arte em geral e, principalmente, na nossa forma de viver o mundo. É uma resposta à realidade institucionalizada das grandes metrópoles, e às injustiças e brutalidades cometidas pelo mundo afora.

É óbvio que pelo próprio fato de a cultura punk ser uma cultura de confrontação, naturalmente algumas ideologias e filosofias políticas radicais de oposição ao capitalismo acabaram sendo absorvidas por diversos segmentos do movimento. Como exemplo de algumas dessas ideologias, podemos citar o anarquismo, o nihilismo e, também muito difundido na cena de alguns países da América do Sul, uma espécie de esquerdismo socialista radical (algo semelhante ao guevarismo), provavelmente influenciado pelo ideário das guerrilhas locais. A existência dessas diferentes correntes de pensamento e até a inexistência de qualquer uma delas não é um problema em si e, pelo contrário, prova que a dinâmica interna é muito boa e ressalta a importância da autonomia pessoal de interpretação do próprio movimento, não exigindo programas, cartilhas, filiação ou coisas do gênero. Os problemas vêm exatamente quando determinados setores ou grupos entendem que apenas as suas posturas, práticas e ideologias é que são "verdadeiras", considerando automaticamente as outras como falsas e que, portanto, devem ser ignoradas e até combatidas em nome de uma "purificação" do movimento. O que queremos dizer é que em termos de posturas, práticas e ideologias, o movimento punk assume duas promessas básicas: o não-comercialismo e o antiautoritarismo (variando aí as concepções particulares do que se entende por não-comercialismo e antiautoritarismo). Qualquer tentativa de atrelar todo o movimento a essa ou aquela postura, prática ou ideologia, é também uma tentativa autoritária de limitar as potencialidades desse movimento.

Nosso movimento é imensamente diversificado em todas as suas características: existem punks de visual extremo e outros que quase não se consegue identificar como tal pela aparência; existem punks exclusivamente atraídos pelos mais "sujeitos" grind/noise core e outros exclusivamente atraídos pelo mais básico e tradicional punk rock 77; existem punks diretamente ligados à militância revolucionária dentro e fora da cena e outros que não possuem nenhum interesse por nenhum tipo de atividade ligada ao movimento ou à causa revolucionária. É nessa diversidade, nessa verdadeira "babel", que está a riqueza do PUNK. O principal erro é encerrar o movimento punk como algo fechado, homogêneo, como um movimento político com diretrizes únicas definidas quando, na verdade, ele é algo muito amplo e heterogêneo.

Dentre todas as vertentes do movimento, uma nos interessa em especial por ser provavelmente a mais complexa e por nos enquadrarmos nela. Vamos tentar comentar e fazer uma análise sobre o ANARCO-PUNK.

Anarco-Punk é por definição aquele indivíduo, banda, publicação, coletivo ou demais organizações que associam à rebelião contracultural punk, a ideologia anarquista e, por sua vez, o movimento anarco-punk é o conjunto desses indivíduos, bandas, publicações, coletivos e demais organizações. Acontece que mesmo dentro do movimento anarco-punk existe uma grande diversidade, da mesma forma como são diversas as interpretações do anarquismo e as práticas anarquistas, também são diversas as associações dos diferentes anarquismos com a contracultura punk. Temos todos que aprender a conviver com as diferenças sem precisar impor aos outros as nossas concepções, não se pode exigir de todos os anarco-punks que militem em movimentos sociais e nem pelo contrário, exigir que todos se limitem a militar no interior da cena underground. Não podemos é, por ignorância, nos acharmos melhores ou piores que os demais companheiros não-punks que estão na militância anarquista, criar uma rivalidade entre punks e anarquistas não-punks por mais que seja esse o desejo de alguns grupos de ambos os lados. Este é um erro não só existencial mas também estratégico, pois quanto mais divididos e em conflito estivermos, mais fácil será derrubar-nos.

Mas não podemos deixar de dar o merecido valor ao movimento punk. Nós sabemos do nosso potencial e nunca devemos nos esquecer de nossas

raízes. Pense bem: quantos grandes revolucionários do presente e do futuro começaram, estão começando ou começarão suas trajetórias de luta através do movimento punk?

Depois de muito refletirmos e analisarmos, decidimos soltar este documento como uma proposta de debate e reavaliação do que se entende e do que é colocado na prática no Brasil em termos de Anarco-Punk.

Segundo a definição que demos anteriormente, anarco-punk é todo e qualquer indivíduo ou coletividade que associe a contracultura punk à ideologia anarquista e assim o é em todo o mundo, e por que não aqui?

Durante vários anos alguns grupos por todo o Brasil se autoproclamavam o movimento anarco-punk (e alguns ainda o fazem) a despeito de todos os outros punks anarquistas do país. Bem, como pode sendo MOVIMENTO ANARCO-PUNK todo o conjunto de indivíduos e coletividade punks anarquistas, uma pequena parcela de todo esse universo se denominar o movimento anarco-punk?

Sob a sigla de "MAP" esses grupos se relacionavam e ainda se relacionam numa espécie de "federalismo informal". Na nossa visão está perfeitamente bem que esses grupos se federalizem e se relacionem por todo o país, mas ao se proclamarem o movimento anarco-punk eles fecham toda uma concepção ampla em si mesmos, fazendo entender que todos os outros punks de ideologia anarquista (anarco-punks) que não fazem parte de seus grupos ou de seu "federalismo informal" são qualquer coisa menos anarco-punks.

Assim como o movimento punk e o movimento anarquista, o movimento anarco-punk é extremamente amplo e heterogêneo (diversificado); da mesma forma como os anarco-sindicalista ou os anarco-coletivista não podem reivindicar para o movimento anarquista para ignorando os anarco-comunistas por exemplo, uma parcela de anarco-punks não pode reivindicar para si o movimento anarco-punk, ignorando todo o resto, isso no mínimo é uma atitude autoritária que nos lembra a postura vanguardista de alguns partidos de esquerda.

Não estamos com este documento querendo "crucificar" ou responsabilizar todos os indivíduos que fazem parte do "MAP" por essa situação. Na verdade, este documento é um apelo à consciência e capacidade pessoal de cada um de poder se autoquestionar e abrir a mente para novas concepções e criarmos todos juntos uma nova realidade.

O movimento anarco-punk é um movimento internacionalista e de proporções mundiais, por isso mesmo não pode possuir dogmas nem verdades absolutas pois cada povo que o assimila acaba incorporando ao movimento uma certa carga de identidade cultural própria desse povo e da situação em que ele vive. Não é preciso dizer que o movimento anarco-punk na Espanha e no Japão, por exemplo, não são idênticos e nem tampouco as preocupações da militância dessas respectivas cenas. Temos que pensar que cada realidade é uma realidade, se por exemplo a militância anarco-punk de alguns países da Europa está mais voltada para a defesa dos direitos dos animais, já no México por exemplo, essa militância tem uma boa participação no apoio às ações do EZLN só para citar um único exemplo. Toda militância tem sua importância e não nos cabe considerar o seu valor maior ou menor, tudo varia do ponto de vista pessoal; como toda militância é válida temos que considerar que a atuação política interventiva é mais uma forma de militância, assim como é o simples fato de tocar em uma banda ou editar um fanzine para divulgação de nossos ideais e de nossa cultura. A adoção de determinadas posturas como únicas "verdadeiras" é que são o problema como dissemos anteriormente, como por exemplo: a postura do D.I.Y., o veganismo, etc. Não podemos dizer que nenhuma dessas posturas são as únicas, que são realmente "verdadeiras", pois isso varia de concepção e ninguém é menos anarco-punk por não ser vegan. De acordo com tudo isso estamos trazendo a seguinte proposta:

*Nenhum grupo ou organização que seja, tem o direito de reivindicar para si o MOVIMENTO ANARCO-PUNK, pois isso não passa de uma atitude autoritária que não cabe mais na realidade em que vive o movimento punk atualmente no Brasil. Basta! Cada grupo tem o direito de assumir a postura que quiser, seja ela a mais sectária que for desde que esse grupo se assuma como apenas mais um grupo e não como o MOVIMENTO ANARCO-PUNK; cabe a todos nós, o conjunto dos anarco-punks, impedir que qualquer grupo ou coletivo que seja utilize a denominação de movimento anarco-punk para se autodefinir, e o melhor método de fazê-lo é o mais simples não-reconhecimento de tal denominação daqui para frente.

Gostaríamos que esse debate fosse discutido o mais amplamente possível (inclusive pelos membros dos grupos que hoje se denominam "MAP"), para que possamos num futuro próximo, vivermos todos nosso movimento num ambiente de companheirismo e não de guerra declarada.

Assinatura semestral de apoio (R\$ 7,00); pacote de 10
Liberas (R\$ 3,00);

solicite a nova tabela de publicações à venda.

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c
Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o
CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal.)

Tiragem: 2:000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião
do Coletivo Editorial do CELIP.

"O movimento punk nunca há de morrer"

Este material está plenamente aberto a
divulgação e republicação

Ass: Coletivo Anarco-Punk Contraste.
Cx. Postal: 23070
Cep.: 20921-970
Rio de Janeiro / RJ
Brasil

KROPOTKIN E LENIN

“Quem diz ser parteiro, afoga o que luta para nascer!”

Pedro Kropotkin decidiu regressar à Rússia em 1917, pouco depois de alcançarem a Europa os primeiros indícios da grande revolução que se avizinhava. Tinha 75 anos (43 dos quais passados no exílio) quando enfrentou a penosa viagem e as dificuldades do momento revolucionário. Havia levado demasiados anos desejando este momento, lutando por este instante, colaborando com o titânico esforço do povo russo para romper as correntes que o oprimia.

Desejava participar da insurreição geral, ainda que consciente de sua impossibilidade física para integrar-se plenamente às duríssimas condições de luta e à tensão cotidiana em que viviam os anarquistas mais jovens. Contudo, como tantos outros revolucionários daquele momento, Kropotkin considerou que por trás do levante popular de fevereiro e outubro de 1917, se oferecia a ocasião de se levar a cabo o velho sonho revolucionário de um novo mundo, sem estado, sem exploração.

Sua primeira atitude perante o golpe de estado bolchevique de outubro foi um silêncio alerta. Ainda que se opondo profundamente à filosofia política marxista, abominando seu culto ao estado, Kropotkin, a princípio, se eximiu de criticar os bolcheviques. O “silêncio” de Kropotkin durante aquele inverno só era interrompido pelas cartas a seus amigos, e nas reuniões com os anarquistas que o visitavam: Voline, Emma Goldman, Berkman, Maximov, Makhno, ... todos estes agentes ativos daquela extraordinária maré revolucionária.

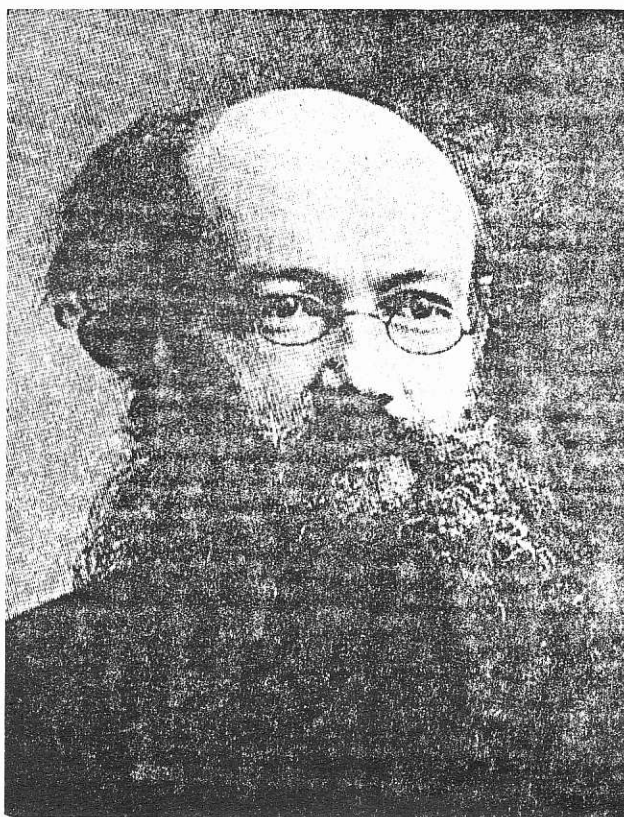
No entanto, aquela “confiança” inicial outorgada ao bolchevismo se quebrou ao primeiro choque com a realidade. Foi durante aquele gigantesco incêndio revolucionário que Kropotkin, já no final de sua vida, comprovou, com amargura, como estavam se cumprindo suas mais temidas predições sobre as consequências de se adotar a via autoritária e política para o confronto com o capitalismo e a opressão.

Contudo, no início de 1918, ainda não havia sido vencido pelo desânimo, velho lutador, não cedendo no seu intento de mudar o curso da história, agora através de seus escritos e de suas reflexões. Mas a realidade era dura e o autoritarismo se expandia como uma praga, convertendo os lemas revolucionários em *slogans* que ocultavam toda a crueldade da nova ditadura contra o povo trabalhador. Nos primeiros meses de 1918 aumentaram as críticas dos anarquistas contra o rumo que os bolcheviques impunham à revolução. Em abril, começou uma perseguição sem quartel contra os libertários e os socialistas revolucionários. As prisões, cas-

tigos e execuções sumárias de anarquistas foram constantes ao longo daquele difícil ano e no começo do seguinte.

Foi nesse contexto que Kropotkin recebeu, no início de maio de 1919, o convite para uma entrevista com Lenin, na residência de um colaborador do governo bolchevique. A conversação se centrou imediatamente na questão das organizações de base (cooperativas, comunas, associações, soviets) e seu papel no processo revolucionário. Para Kropotkin, este era o problema. Para Lenin, uma questão insignificante ante a “enorme e absorvente atividade que impunha o movimento gerado pela revolução de outubro”.

Ambos estavam conscientes do abismo que os separava.



Um deles, mais velho, falava da revolução ainda possível. O outro, mais jovem, já havia renunciado a ela em nome do novo estado. O ancião avisava sobre a “fatalidade de uma evolução que, seguindo desde sua origem linhas falsas, só poderia conduzir ao fracasso e à reação”. Lenin discursava apaixonadamente sobre vitórias, sangue, massas, terror vermelho, “até uma guerra de todos contra todos, esse o único tipo de luta que pode ser assumido com êxito”, as demais são *insignificantes, jogos de crianças*. Kropotkin que bem sabia que “nada pode ser conseguido em nenhum país, sem a mais desesperada luta”, já demonstrava um profundo desinteresse por aquela retórica encobridora.

A entrevista não teve mais efeito prático do que dramatizar o abismo que separava, não a duas pessoas, senão a dois modos de compreender o momento que protagonizavam. O organizador

da entrevista, Bonch-Bruевич, captou bem aquele episódio e disse de cada um: “Observei Lenin. Seu olhos brilharam um pouco irônicos quando escutava Kropotkin...” e “Kropotkin, que ouviu as veementes palavras de Lenin primeiro atentamente, depois foi desinteressando-se”.

Os dois nunca mais voltariam a se ver, ainda que Kropotkin tenha escrito várias cartas a Lenin, onde denunciava a *impossibilidade de se construir uma nova vida* a partir da ditadura estatal e da ilimitada autoridade que faz uso o *Partido*. Um ano e meio mais tarde, em janeiro de 1921, morria Pedro Kropotkin. Um imenso cortejo de mais de cem mil pessoas seguiu o féretro até o humilde túmulo que o velho revolucionário havia escolhido.

M. GENOFONTE

Traduzido e adaptado pelo Coletivo de Tradução do CELIP, extraído de *La Campana*, nºs 49 e 50, maio/97

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

Rio: No dia 16/09, o SINTRASEF (Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal) organizou uma palestra com o tema "Anarquismo. - Quem se sujeita, jamais será sujeito", proferida pelo companheiro Luis Henrique, do CCL / BH. O pessoal do CELIP compareceu em peso, prestigiando e participando ativamente do evento # O CELIP reage e volta a organizar suas atividades (palestras, debates, videos) todas as 3ª feiras, as 18:30, no IFCS/UFRJ (Lgo. de São Francisco, 1; Centro: Sala 106).

Novos Livros: Acaba de ser editado pela Insular, o novo livro de Edgar Rodrigues. "Os Companheiros - vol. 3", reúne pequenas biografias de militantes anarquistas brasileiros e estrangeiros. Pedidos podem ser feitos para: Editora Insular: Rua Felipe Schmidt, 51 / sala 103; Cep 88010-000; Florianópolis / SC (Fonte: Anarqlat) # Inaugurando a coleção "Cadernos do Pensamento Social", Robson Achiamé, editor está lançando o intrigante texto do poeta português Fernando Pessoa *O Banqueiro Anarquista*. O livro custa R\$ 5,00 e pode ser pedido diretamente ao editor. (Caixa Postal 50083 - Cep 20062-970 - Rio de Janeiro / RJ).

Extremo Sul: O movimento libertário vem se apurando cada vez mais no Rio Grande. O *Coletivo Apoio Mútuo Resistência Libertária* (CAM-RL), organização fundada em junho deste ano, vem realizando um trabalho de inserção junto a comunidade do Conjunto Habitacional Guajuviras e em uma escola estadual da mesma área. Publicada pela *Tendência Libertária Mobilização Direta*, o boletim *Pé de Guerra*. Esta organização coloca à disposição de todos/as um modelo de estatuto de CA; a cartilha "Grêmio Livre Já" e um programa estudantil. Os contatos para ambas as organizações podem ser feitos para a: Caixa Postal 180; CEP 92001-970; Canoas / RS.

Internet: O *Fórum Eletrônico Escola Livre* (FEEL) é uma lista de discussão por correio eletrônico dedicada ao debate e difusão de informações sobre os meios não autoritários de educação. Quem quiser aderir, enviar mail para Julio Rubio (<rubio@posta.unizar.es>) solicitando como proceder (Fonte: Anarqlat)

São Paulo: Publicado o informativo da *Frente Socialista Libertária* (FSL, ex - GRA), o *Livre Expressão*, com excelente qualidade tanto gráfica, como de conteúdo (FSL; CP 333; CEP 09701-970; São Bernardo do Campo / SP) # O *Zine Anarchist Life* (ZAL) vem empreendendo uma campanha através de abaixo-assinados pela aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo, que brevemente será votada pelo Congresso Informações para: ZAL; CP 61; CEP 06600-970; Jandira / SP.

Timor no Rio: Os libertários estiveram presentes na homenagem que o *Instituto Metodista Bennett* prestou ao líder da resistência timorense e prêmio Nobel da Paz 1996, José Ramos Horta. Entregamos em suas mãos, exemplares do *Letralivre* e de *O Mutirão*, com matérias sobre o Timor, bem como alguns números do *Libera...* O governo brasileiro mantém uma postura omissa frente ao massacre sistemático de nossos irmãos timorenses pelo exército da Indonésia, que já dura 22 anos. Vamos mostrar nossa solidariedade ativa, pressionando o governo FHC e o Itamarati a adotarem uma

posição digna em relação ao Timor Leste, e boicotando todos os produtos de fabricação indonésia. Informações sobre a luta pelo Timor livre: *Clamor por Timor*; Rua Hadodock Lobo, 1310 / 42; CEP 01414-002; São Paulo / SP e *Espaço por Timor*; Rua São Bento, 182-184; 1250 Lisboa; Portugal.

CONUNE: Foram-se as Moscas e a Merda Continua

Como já era esperado, o Congresso da União Nacional dos Estudantes (CONUNE) continua a mesma coisa: manipulação de delegados e os estudantes, cada vez mais, à margem do processo de decisão. Tudo isso favorecido pela estrutura vertical da entidade, onde as decisões são tomadas por uma aristocracia estudantil constituída por alguns poucos canalhas que, há tempos, arrastam o ME para o abismo. Para esses, o que importa é a autopromoção, pois um cargo na diretoria da UNE equivale a mais um degrau nas suas trajetórias para se tornarem dirigentes partidários e/ou políticos.

Porém, nem tudo foi ruim. Para nós, anarquistas, foi muito proveitoso podermos nos encontrar e trocar experiências com companheiros de idéias dos mais variados pontos do país. Nossa organização durante o evento se deu através de três plenárias, fruto de um processo iniciado desde o congresso anterior, quando ocorreu uma mudança na postura e na forma de intervenção dos libertários. Procuramos, além de criticar, buscar junto com os estudantes a construção de alternativas para esta entidade, cuja atuação, combativa no passado, é manchada hoje pelos conchavos com o governo e a burguesia (lembram do chopinho com o Itamar?)

O eixo de nossas discussões centrou-se no fato do problema da UNE ser de cunho estrutural. Propomos, portanto, uma horizontalização da entidade e a necessidade de uma organização federativa na luta dos estudantes.

Durante nossa intervenção ao microfone, comprovamos que a maioria dos estudantes presentes estavam mais preocupados em gritar, influenciados pelos "chefes de torcida" das tendências, do que construir um movimento estudantil sério e de luta, comprometido com os oprimidos.

Para que os laços libertários que nos uniram durante o congresso não sejam afrouxados, deliberamos em plenária um próximo encontro na semana anterior ao Carnaval de 98, em São Paulo, aberto a qualquer libertário que queira participar. Para maiores informações sobre esse evento, escrevam para a Federação Anarquista Gaúcha (FAG; CP 5036; CEP 90041-970; Porto Alegre/RS). Desde já, saudações libertárias.

MUTIRÃO/OSL

(CP 126049; CEP 24240-970; Niterói/RJ)

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO DE JANEIRO / RJ * CONTRASTE. CP 23070. CEP 20921-970. RIO DE JANEIRO / RJ * MUTIRÃO/OSL. CP 126049. CEP 24240-970. NITERÓI/RJ * CGS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * GRAVIDA. CP 3395. CEP 82001-970. CURITIBA/PR * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * CCL/OSL. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * COB. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * UNI-LIVRE. CP 03668. CEP 70084-970. BRÁSILIA/DF * COL. LIBERTÁRIO. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * CCL/BH. CP 1293. CEP 30123-970. BELO HORIZONTE/MG * ESL. CP 408. CEP 13012-970. CAMPINAS/SP * UAF. CP 96809. CEP 28610-970. NOVA FRIBURGO/RJ * GLON. CP 1078. CEP 58001-970. JOÃO PESSOA/PB. * ULM. CP 920. CEP 87010-970. MARINGÁ/PR * FAG/OSL. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS. * FSL. CP 333. CEP 09701-970. SBC/SP. * TOKA. CP 188. CEP 93001-970. SÃO LEOPOLDO/RS * FAG/OSL. CP 164. CEP 97541-970. ALEGRETE/RS * OSL/SP. CP 11358. CEP 05422-970. SÃO PAULO/SP

 ...AMORE MIO